

FACULDADE EDUFOR – SÃO LUÍS
DIRETORIA GERAL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

VITÓRIA RÉGIA LIMA DE ARAÚJO

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO PORTADOR DO TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA: Uma Revisão da Literatura

São Luís

2022

VITÓRIA RÉGIA LIMA DE ARAÚJO

**ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO PORTADOR DO TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA: Uma Revisão da Literatura**

Trabalho apresentado para obtenção de nota para conclusão
do Curso de Graduação em Enfermagem.

Orientador: Prof. Msc. Livia Alessandra Gomes Aroucha

São Luís

2022

A663a Araújo, Vitória Régia Lima de

Assistência de enfermagem ao portador do Transtorno do Espectro Autista: uma revisão da literatura / Vitória Régia Lima de Araújo — São Luís: Faculdade Edufor, 2022.

20 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (ENFERMAGEM) — Faculdade Edufor - São Luís, 2022.

Orientador(a) : Lívia Alessandra Gomes Aroucha

1. Transtorno do Espectro Autista. 2. Cuidados de enfermagem. 3. Assistência centrada no paciente. 4. Enfermagem. 5. Transtorno autístico.
I. Título.

FACULDADE EDUFOR SÃO LUÍS

CDU 614.253.5: 616.896

VITÓRIA RÉGIA LIMA DE ARAÚJO

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NO DIAGNÓSTICO DE AUTISMO

Trabalho apresentado para obtenção de nota para conclusão do Curso de Graduação em Enfermagem.

Orientador: Prof. Msc. Lívia Alessandra Gomes Aroucha

Aprovado em ___/___/___.

BANCA EXAMINADORA.

Prof. Msc. Lívia Alessandra Gomes Aroucha
Orientador

Prof. Me. Josafá Barbosa Marins
Examinador 1

Prof. Ma. Emmanuelli Iracema Farah
Examinador 2

DEDICATÓRIA

Dedico o presente trabalho de conclusão de curso a todos os Professores do curso, a Orientadora do trabalho, aos familiares, amigos e a todos aqueles que de certa forma contribuíram para a realização deste projeto.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, pela minha vida, e por me ajudar a ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo do curso.

Aos meus pais, filho, irmão e namorado, que me incentivaram nos momentos difíceis e compreenderam a minha ausência enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho.

Aos professores, pelas correções e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional.

“Consagre ao Senhor tudo o que você faz, e os seus planos serão bem-sucedidos.” Provérbio 16:3

Bíblia Sagrada.

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NO DIAGNÓSTICO DE AUTISMO

Vitória Régia Lima de Araújo

Prof. Msc. Livia Alessandra Gomes Aroucha

RESUMO

Introdução: o transtorno do Espectro Autista é um distúrbio do neurodesenvolvimento, sendo reconhecido por condições que levam a problemas no progresso de linguagem, interação social, progressos de comunicação e das atividades sociais, classificado como transtorno do desenvolvimento. **Objetivo:** Conhecer os cuidados de enfermagem ao paciente autista. **Material e Métodos:** trata-se de uma revisão bibliográfica com trabalhos publicados entre 2017 à 2021, nas Bases de Dados Scientific Library Online (SciELO), Google Acadêmico, Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências (Lilacs) e Biblioteca Virtual em Saúde. **Resultados:** Evidenciou assistência do enfermeiro nas suas funções assistências ao paciente diante do diagnósticos de autismo, tendo em vista que todos os artigos selecionados fazem relatos da importância do diagnóstico precoce do paciente no TEA a sua família. **Conclusão:** A assistência dos profissionais de enfermagem é acompanhar essa criança e sua família desde o primeiro diagnóstico, participando da aceitação familiar e do meio social, orientando e tirando as possíveis dúvidas que possa ocorrer no meio do tratamento.

Descritores: Transtorno do Espectro Autista, Cuidados de Enfermagem, Assistência Centrada no Paciente, Enfermagem, Transtorno Autístico.

NURSING CARE IN AUTISM DIAGNOSIS

Vitória Régia Lima de Araújo

Prof. Msc. Lívia Alessandra Gomes Aroucha

ABSTRACT

Introduction: Autism Spectrum Disorder is a neurodevelopmental disorder, recognized by conditions that lead to problems in language progress, social interaction, communication progress and social activities, classified as a developmental disorder. **Objective:** Knowing nursing care for autistic patients. **Material and Methods:** This is a bibliographic review with works published between 2017 and 2021, in the Scientific Library Online (Scielo), Google Scholar, Latin American and Caribbean Literature in Science (Lilacs) and Virtual Health Library databases. **Results:** It evidenced the assistance of nurses in their patient care functions in the face of autism diagnoses, considering that all selected articles report the importance of early diagnosis of patients with ASD to their families. **Conclusion:** The assistance of nursing professionals is to accompany this child and his family from the first diagnosis, participating in the family and social environment acceptance, guiding and solving possible doubts that may occur in the middle of the treatment.

Descriptors: Autistic Spectrum Disorder, Nursing Care, Patient-Centered Care, Nursing, Autistic Disorder.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 MATERIAIS E MÉTODO.....	13
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO:	14
3.1 Históricos do Autismo no Mundo e no Brasil.....	14
3.2 Desafios do diagnóstico do autismo.....	15
3.3 Assistências de enfermagem no autismo.....	17
4 CONCLUSÃO.....	18
REFERÊNCIAS	19

1 INTRODUÇÃO

O transtorno do espectro autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado por manifestações comportamentais, déficits na comunicação e na interação social, padrões de hábitos repetitivos e estereotipados, podendo apresentar um repertório restrito de interesses e atividades. Segundo a ONU, acredita-se que há mais de 70 milhões de pessoas com autismo, afetando a maneira como esses indivíduos se comunicam e interagem. (HO; SOUZA DIAS, 2017).

O TEA é reconhecido por condições que levam a problemas no progresso da linguagem, na interação social, nos progressos de comunicação e das atitudes sociais, sendo classificado como transtorno do desenvolvimento. O autismo é exposto caracteristicamente antes dos três anos de idade, sendo por um comprometimento de todo seu desenvolvimento psiconeurológico, comprometendo toda a comunicação e convívio social. (OLIVEIRA; SERTIÉ, 2017).

Sendo assim, as manifestações variam em grau e intensidade, desta forma, o autismo se enquadra dentro dos transtornos globais do desenvolvimento, suas causas ainda não são conhecidas, porém alguns fatores podem estar envolvidos no seu desenvolvimento, com incidência em meninos maior, tendo uma relação de quatro meninos para uma menina com autismo. (POSAR; VISCANTI, 2018).

A criança com autismo tem maior dificuldade em efetuar as atividades ditas simples, daí acentuar-se a necessidade de cuidados e a dependência para com os pais ou cuidadores. Com o decorrer do tempo, a maioria das crianças e adultos com autismo expõe melhora em interações sociais, comunicação e capacidade de autocuidado quando crescem. (FERRIANI; CRUZ, 2022).

O tratamento do autismo precisa ser multidisciplinar, manifestando com diagnóstico precoce e terapias comportamentais, educacionais e familiares. Essas atribuições podem reduzir os sintomas e fornecer base para desenvolvimento e o aprendizado, em alguns casos associa-se também o uso de medicamentos antipsicóticos. Compõem a equipe: Fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional, psicólogo clínico, neurologista, psiquiatra, pediatra e enfermeiro. (MARTINS; LIMA, 2018.)

A organização do tratamento deve ser estruturada de acordo com as etapas de vida do paciente, e aqueles com o quociente de inteligência (QI) maior e capazes de articular o parecer mais positivo. Até o momento, não se alcançou a cura para o autismo, a terapêutica

tende de ajudá-los a obter independência para atividades diárias como vestir-se e higienizar (OLIVEIRA; SOUZA, 2022).

Os enfermeiros precisam reconhecer que nem todas as crianças com autismos são iguais, necessitando, portanto, de avaliação e de terapêutica individuais. O enfermeiro é fundamental no processo diagnóstico do autismo, devendo se atentar aos sinais e sintomas do autismo, proporcionando uma boa assistência de enfermagem à criança e seus parentes, encorajando, transmitindo segurança e tranquilidade a todos (RIBEIRO; MURAD, 2020).

Como parte da equipe multiprofissional, o enfermeiro atua também como agente terapêutico, intervém no sofrimento dos pacientes com diagnóstico de TEA, realiza atendimentos aos familiares, trabalha com a aceitação do diagnóstico, que traz uma mudança do estilo de vida da família e de todo o ambiente familiar (SILVA; ÁRTICO; CICOLELLA, 2021).

O diagnóstico do TEA é clínico, acompanhado por várias características que podem incluir comportamento ritualizado e repetitivo, aversão a mudanças na rotina, sensibilidade sensorial, alteração na comunicação e na interação social, as causas ainda não são conhecidas, mas acredita-se que a condição se deva a múltiplos fatores, com aspectos ligados aos genes e aos ambientes possivelmente formados no período da gestação do bebê (SANTOS; MACEDO; MAFRA, 2022).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), considera-se saúde o bem-estar físico, social e emocional e qualquer coisa que altere um destes aspectos podem ser considerados ausência de saúde, para os transtornos do espectro autista há 47 possíveis diagnósticos de Enfermagem, que podem ser determinados por isolamento social, comunicação verbal prejudicada, distúrbios no padrão do sono, dificuldade ao tomar banho, entre outros (DINIZ et al., 2022).

Para a família com caso de autismo há 10 situações de atenção: experiência de tensão no papel do cuidador, processos familiares disfuncionais e sentimento de impotência, por exemplo. O enfermeiro pode participar da construção do plano terapêutico junto com a equipe multiprofissional e busca do acompanhamento dos serviços da rede pública de saúde (MAIS et al., 2018).

Diante das dificuldades enfrentadas, o papel da equipe de enfermagem é fundamental para auxiliar no tratamento, tendo conhecimento suficiente para perceber os primeiros sinais e sintomas desse distúrbio. Devendo estar atento à valorização da verbalização, que sua ação é de inserção e importante no processo de cuidar, pois, a

qualificação profissional do enfermeiro ainda não está preparada totalmente para acolher um cliente autista (CUNHA et al., 2019).

Existe uma grande associação entre autismo e deficiência mental, desde o leve até o severo, considera que a gravidade dessa deficiência mental não está associada à gravidade do autismo, na saúde a uma grande necessidade de mais profissionais para este acompanhamento (DINIZ et al., 2022).

O profissional enfermeiro pode colaborar de forma positiva para o diagnóstico e acompanhamento do TEA, através de observações comportamentais de crianças, mediante a consulta para analisar o crescimento e o desenvolvimento, como também, podem auxiliar os progenitores dando apoio e informando-os quanto aos desafios e procedimentos assistenciais que os mesmos utilizarão no processo de cuidar da criança com autismo (MANSUR et al., 2017).

A atuação dos enfermeiros frente à criança autista e sua família é fundamental, uma vez que eles têm um importante papel socializador, de aceitação e compreensão da criança, bem como no estabelecimento de limites, orientação e apoio à família (CARVALHO; SOUSA; AZEVEDO, 2022).

Diante disso, surge a questão norteadora da pesquisa: Quais os cuidados de enfermagem à paciente com diagnóstico de autismo? O objetivo desta pesquisa é conhecer os cuidados de enfermagem ao paciente autista.

2 MATERIAIS E MÉTODO

Trata-se de uma revisão bibliográfica. A revisão bibliográfica é, de forma geral, a revisão das pesquisas e das discussões de outros autores sobre o tema que será abordado em seu trabalho, ou seja, é a contribuição das teorias de outros autores para a sua pesquisa. Todo trabalho acadêmico segue uma estrutura básica que compreende elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais, a revisão bibliográfica faz parte dessa estrutura (ANDRADES,2020).

As buscas foram realizadas em Bases de Dados Scientific Library Online (Scielo), Google Acadêmico, Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) durante o período de agosto à novembro de 2022. Utilizam-se as palavras chaves: “Transtorno do Espectro Autista”, “Cuidados de Enfermagem”, “Assistência Centrada no Paciente”, “Enfermagem”, “Transtorno Autístico”.

Como critério de inclusão: Artigos publicados nos últimos 05 anos, artigos disponíveis na íntegra, que responderam a questão de pesquisa, na língua portuguesa. Como critérios de não-inclusão: Artigos de revisão, monografias, teses e dissertação.

Por se tratar de uma revisão bibliográfica dispensa aprovação em Comitê de Ética e Pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO:

3.1 Históricos do Autismo no Mundo e no Brasil

O autismo é um problema do desenvolvimento humano que foi descrito pelo médico Leo Kanner em 1943. No trabalho de Kanner, foram analisados 11 casos de pessoas que apresentavam uma incapacidade de relacionar-se, ele chamou esse problema de distúrbios autísticos do contato afetivo. Até os anos 1980, não havia um espectro do autismo: o distúrbio era definido por características bem rígidas e era tido como raro, por causa disso, até então, muitas famílias tinham que levar seus filhos a nove ou dez especialistas até conseguirem um diagnóstico de autismo (FERREIRA et al., 2021).

O autismo é apontado pela complicação na comunicação, interações sociais e por comportamentos monótonos e repetitivos. Dentro das condições consideradas como autismo, apenas uma minoria dos portadores apresenta comprometimento intelectual grave. A eventualidade desproporcional do autismo em meninos e meninas levanta questões ligadas aos cromossomos sexuais. Um estudo canadense, por exemplo, concluiu que um pequeno número de casos de autismo está ligado à mutação de um gene encontrado no cromossomo X (LAZZARINI; ELIAS, 2022)

No Brasil, o autismo começa a se consolidar a partir da década de 1980, foi neste período que familiares, especialmente mães, descontentes com a culpa recebida pela condição dos filhos, começaram a se organizar para conseguir acesso a serviços de saúde (COSTA et al., 2022). Pelo fato de não existir uma cura para o autismo, o TEA não é considerado doença, o que também faz com que ele não seja considerado uma doença mental, ao contrário disso, o autismo é um transtorno ou uma condição e pessoas com autismo não precisam ser curadas (ANDRADE et al., 2022).

A identificação de atrasos no desenvolvimento, o diagnóstico oportuno de TEA e encaminhamento para intervenções comportamentais e apoio educacional na idade mais precoce possível, pode levar a melhores resultados em longo prazo, considerando a neuroplasticidade cerebral (SOUZA et al., 2020). Ressalta-se que o tratamento oportuno com estimulação precoce deve ser preconizado em qualquer caso de suspeita de TEA ou desenvolvimento atípico da criança, independentemente de confirmação diagnóstica (SANTOS et al., 2019).

A etiologia do transtorno do espectro autista ainda permanece desconhecida, evidências científicas apontam que não há uma causa única, mas sim a interação de fatores genéticos e ambientais, a interação entre esses fatores parece estar relacionada ao TEA, os

fatores ambientais podem aumentar ou diminuir o risco de TEA em pessoas geneticamente predispostas (PEREIRA et al., 2021).

Embora nenhum destes fatores pareça ter forte correlação com aumento e/ou diminuição dos riscos, a exposição a agentes químicos, deficiência de vitamina D e ácido fólico, uso de substâncias (como ácido valpróico) durante a gestação, prematuridade (com idade gestacional abaixo de 35 semanas), baixo peso ao nascer (< 2.500 g), gestações múltiplas, infecção materna durante a gravidez e idade parental avançada são considerados fatores contribuintes para o desenvolvimento do TEA (SOUZA; SOUZA, 2021).

Evidências indicam influência de alterações genéticas com forte herdabilidade, mas trata-se de um distúrbio geneticamente heterogêneo que produz heterogeneidade fenotípica características físicas e comportamentais diferentes, tanto em manifestação como em gravidade (BORILLI et al., 2022).

3.2 Desafios do diagnóstico do autismo.

Seu diagnóstico é essencialmente clínico e considera os critérios estabelecidos pelo DSM-V, sendo estes: déficits persistentes na comunicação social recíproca e interação social, padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, os sintomas devem estar presentes precocemente no período do desenvolvimento, e causam prejuízo clinicamente significativo no desenvolvimento social, profissional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo no presente (SOUZA; ANACHE, 2020).

Dentre os sinais precoces que podem ser percebidos nas crianças com o Transtorno autista, o principal motivo de procura por uma avaliação médica é o atraso na linguagem, porém existem outros sinais que podem estar presentes até mesmo antes da percepção do distúrbio da linguagem, como a pobreza na interação social que pode ser percebida ainda durante a fase de aleitamento, quando há ausência do olhar compartilhado com a mãe durante o período de amamentação (DIAS et al., 2021).

Devido ao contato diário com as crianças, são os pais quem geralmente percebem os primeiros sinais, porém, a significação desses sinais nem sempre está esclarecido e acabam sendo declarados normais. Em ciência o diagnóstico precoce do TEA é a fundamental ferramenta para um prognóstico efetivo, e que para isso é necessário que os profissionais em contato com as crianças possuam a informação e a aptidão para realizá-lo de forma adequada (ARAÚJO et al., 2019).

O diagnóstico precoce do autismo ajuda a melhorar as habilidades sociais e de comunicação da criança. porque o autista começa a realizar as intervenções de forma precoce e é estimulado a se desenvolver. E um dos grandes problemas enfrentados no tratamento do

autismo refere-se a demora do envio do paciente, os sintomas podem estar consolidados dificultando a intervenção do terapeuta (LOPES et al., 2017).

Em tempos onde os meios de comunicação dispõem de informação rápida e gratuita, os pais estão mais conscientes sobre o TEA e, mais propensos a desenvolver preocupações sobre a possibilidade do autismo. Para facilitar o rastreamento precoce do autismo foram desenvolvidos questionários de triagem, esses oferecem um método rápido e barato de para a identificação precoce de crianças com autismo (SILVA, 2018).

O preconceito está entre um dos maiores desafios do autismo, ainda que indivíduos com TEA estejam inseridos em um ambiente familiar saudável, precisarão enfrentar o preconceito externo, a falta de informação faz com que algumas pessoas vejam os autistas como indivíduos problemáticos que não se encaixam na estrutura existente (SANTOS; VIEIRA, 2017).

Atualmente a educação inclusiva tem sido um grande desafio para os profissionais da educação devido os alunos autistas que são matriculados na escola, o docente não tem conhecimento das estratégias como trabalhar com este discente no ambiente escolar, estando despreparados para realização de atividades com estes discentes (SILVA, 2019).

Ressalta-se que professores desmotivados no ambiente escolar, devido não conhece nenhuma ação pedagógica para trabalhar com alunos com necessidades especiais, principalmente com o diagnóstico de autismo que envolvem várias patologias, este aluno não consegue interação com o colega, tem dificuldade de linguagem oral e visual, não gosta de ser tocando, dificuldade no relacionamento com a turma (SANTOS, 2021).

Deve-se incluir o autista nas conversas, falar com ele, perguntar como ele está mesmo que ele não responda, pois, é uma forma de ele perceber que as pessoas ao redor se importam e vão interagir com ele. É de suma importância praticar novas habilidades sociais com o autista em vários lugares e também com pessoas diferentes. Para isso, é necessário escolher o momento ideal (CARNEIRO et al., 2021).

Para as pessoas neurotípicas as habilidades sociais, ou seja, as regras, os costumes e as ações que guiam nossas interações com outras pessoas e o mundo ao nosso redor, são tarefas simples e que se aprende rapidamente. Já o desenvolvimento de habilidades sociais para pessoas com autismo pode ser mais complexo e necessitar de profissionais e familiares para que elas possam aprender e conviver em sociedade (BRASIL, 2019).

Para ter uma orientação e acompanhamento é fundamental para melhorar a qualidade de vida das pessoas com autismo. As crianças precisam enxergar a interação de uma forma positiva e não como algo estressante ou que cause ansiedade. Há algumas estratégias baseadas em pesquisas que podem melhorar nesse processo (ANJOS, 2019).

3.3 Assistências de enfermagem no autismo.

O profissional de enfermagem no cuidado dos pacientes autistas deve conhecer com afinco sobre o TEA, para acompanhar e auxiliar as famílias com algum membro autista, dando assistência, com ênfase no bem-estar do portador, e esclarecendo dúvidas pertinentes (FONTINELE et al., 2022). A atenção de profissionais de diferentes áreas é muito importante processo de identificação, diagnóstico e tratamento de crianças com transtorno do espectro autista TEA (FEIFER et al., 2020).

O enfermeiro atua também como agente terapêutico, intervém no sofrimento dos pacientes com diagnóstico de TEA, realiza atendimentos aos familiares, trabalha com a aceitação do diagnóstico, que traz uma mudança do estilo de vida da família e de todo o ambiente familiar (SANTOS et al., 2019).

O enfermeiro pode participar da construção do plano terapêutico junto com a equipe multiprofissional e busca do acompanhamento dos serviços da rede pública de saúde. Na prática, uma forma de inclusão para o paciente com TEA é a explicação lúdica das intervenções de enfermagem através de quadrinhos (SILVA; LIMA; MONTE, 2021).

O enfermeiro deve estimular novas descobertas dos sentidos usando como terapias estimulantes, podendo ser com o paladar, visão, audição, olfato e tato, com brincadeiras sugeridas para crianças autistas como: jogos digitais, atividades presenciais, fazendo a história, show das charadas, caça ao tesouro, tenha informações sobre a criança autista, explorando as habilidades destas crianças (MOURA; EVANGELISTA; SOUSA, 2021).

Dentre as abordagens da psicologia, os profissionais da equipe multidisciplinar têm usado o ABA que se tornou a mais indicada pelos especialistas, em primeiro lugar, vamos explicar o termo: ABA é a abreviação para o termo em inglês: Applied Behavior Analysis, é conhecida também como Análise do Comportamento Aplicada. O ABA é uma ciência cujas intervenções derivam dos princípios do comportamento e possui como objetivo aprimorar comportamentos socialmente relevantes (MARQUES; MARQUES; MAIA, 2020).

O enfermeiro exerce um papel importante na assistência a pessoas com transtorno mental, como sensibilização da população sobre a importância de sua inserção na comunidade, inclusive colaborando e responsabilizando-se pela construção de novos espaços de reabilitação psicossocial, que farão com que esses indivíduos (MAGALHÃES et al, 2022).

4 CONCLUSÃO

De acordo com a literatura pesquisada o estudo possibilitou conhecer as experiências desde o primeiro diagnóstico, até a aceitação familiar e a ajuda profissional adequada. Foi identificado que a assistência integral realizada pela equipe de Enfermagem à criança com TEA é evidenciada por uma postura humanizada, empatia e escuta qualificada dos profissionais capaz de considerar a inserção dos familiares/cuidadores como parte indispensável no cuidado à essas crianças.

De acordo com o que foi discutido pode-se observar que a criança com TEA, possui diversas dificuldades relevante quanto à interação social a serem enfrentadas, tanto no seu diagnóstico com seus comportamentos e falhas no aprendizado, quanto no seu dia a dia com seus familiares.

A criança diagnosticada com TEA ela precisa ser amparada tanto no seu ambiente familiar, quanto aos profissionais que elas lidam durante o tratamento. Cabe ao profissional de enfermagem, acompanhar o tratamento dessa criança desde o diagnóstico médico até a interação familiar, incluindo a aceitação da família, e ao esclarecimento de possíveis dúvidas.

Conclui-se que uma das maiores dificuldades do processo de tratamento é o comportamento e diagnóstico da criança autista para a família, sendo que a participação e a aceitação da família e do meio social com a criança autista é de suma importância, facilitando assim que durante o tratamento a criança desenvolva melhor as suas atividades.

Portando, a assistência dos profissionais de enfermagem é acompanhar essa criança e sua família desde o primeiro diagnóstico, participando da aceitação familiar e do meio social, orientando e tirando as possíveis dúvidas que possa ocorrer no meio do tratamento. O enfermeiro necessita ter conhecimento científico sobre o assunto e principalmente conhecer as leis que amparam essa criança autista.

Perante o exposto ressalta-se a dificuldade em conceber a pesquisa literária, pela escassez de estudos científicos para análise sobre o tema da pesquisa. As questões abordadas neste trabalho servem para desencadear futuras pesquisas, além de ressaltar a importância dos cuidados de enfermagem ao paciente autista.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE et al. A importância da Detecção dos Sinais Precoces no Transtorno do Espectro Autista (TEA). Revista Ciência para a redução das desigualdades. III CIPEEX, v.2, 2018.
- ANDRADES. Convivência escolar na América Latina: revisão bibliográfica. Revista eletrônica Educare v.24, n.2, p 346-368,2020.
- ARAÚJO et al. Transtorno do Espectro do Autismo. Sociedade Brasileira de Pediatria, Rio de Janeiro, v. 1, n.5, p 1-24, 2019.
- ANJOS. Ações de enfermagem no acompanhamento de pacientes com transtorno de espectro autista. Brasília: Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos; 2019.
- BORILLI et al. Qualidade de vida familiar entre famílias que tem filhos com deficiência intelectual associada ao transtorno do espectro do autismo leve. Arq. Neuro psiquiatria, v.80, n.4, 2022.
- BRASIL. Ministério da educação, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Glossário da Educação Especial Censo Escolar, 2019.
- CARVALHO; SOUSA; AZEVEDO. Assistência em Enfermagem a Crianças com Autismo: Revisão Integrativa de 2017 a 2022. Revista Científica Multidisciplinar v.3, n.6, 2022.
- CARNEIRO. Desafios no Processo de Educação Inclusiva para Crianças com Transtorno do Espectro Autista. Revista Eletrônica Acervo da Saúde, v.13, n. 6, 2021.
- COSTA et al. Percepção dos Pais sobre Hipersensibilidade Auditiva de Crianças com Sinais Clínicos de Risco para o Transtorno do Espectro do Autismo. Caderno Brasileiro Terapia Ocupacional.
- DIAS et al. Desafios Profissionais em um Centro de Reabilitação para Crianças Autistas. Revista Saúde e Desenvolvimento, v.15, n.23, p.10-20, 2021.
- DINIZ et al. Autismo e Síndrome de Down: identificação precoce e diagnóstico. Arquivo Neuro Psiquiatria, v.80, n.6, 2022.
- FEIFER et al. Assistência de Enfermagem a Pacientes com Transtorno do Espectro do Autismo: Revisão da Literatura. Revista Uningá, v.57, n.3, 2020.
- FERREIRA et al. Repercussão da Implementação do Picture Exchange Communication System- PECS no Índice de Sobrecarga de Mães de Crianças do Espectro do Autismo. Artigo CoDAS, v.34, n.3, 2022.
- FERRIANI; CRUZ. Entre Ilhas Fabulosas: etnografia, autismo e demência em relação. Artigo Horiz. Antropol, v.28, n.64, 2022.
- FONTINELE et al. Perspectiva do Enfermeiro sobre o Cuidado de Enfermagem ao Paciente Autista e sua Família. Investigação, Sociedade e Desenvolvimento, v. 10, n.14, 2022.
- LAZZARINI; ELIAS. História Social e Autismo: uma Revisão de Literatura. Revista Brasileira Educação Especializada, v. 28, 2022.

LOPES et al. Conhecendo o Transtorno do Espectro Autista. Cartilha Institucional, João Pessoa, p. 1-26, 2017.

MAIA et al. Transtorno do Espectro do Autismo e Idade dos Genitores: estudo de caso-controle no Brasil. Caderno Saúde Pública, v.34, n.8, 2018.

MAGALHÃES et al. Diagnósticos e Intervenções de Enfermagem em Crianças com Transtorno do Espectro Autista: Perspectiva para o Autocuidado. Revista Baiana de Enfermagem, v. 36, n. 44, 2022.

MAPELLI et al. Criança com Transtorno do Espectro Autista: cuidado na perspectiva familiar. Revista Escola Anna Nery, v. 22, n. 4, 2018.

MANSUR et al. Sinais de Alerta para Transtorno do Espectro do Autismo em Crianças de 0 a 3 anos. Revista Científica da Faculdade de Medicina de Campos, v.12, n.3, 2017.

MARQUES; MARQUES; MAIA. Transtorno do Espectro Autista. Revista Atenas Higeia, v.2, n.2, 2020.

MARTINS; LIMA. Transtorno do Espectro Autista. Revista Brasileira de Ciências da Vida, v. 6, n. 2, 2018.

NUNES et al. Assistência de Enfermagem à Criança com Autismo. Revista Sociedade e Desenvolvimento, v. 9, n.11, 2020.

OLIVEIRA; SERTIÉ. Transtorno do Espectro Autista: um guia atualizado para aconselhamento genético. Ciências Básicas, Einstein- São Paulo, v.15, n.2, 2017.

OLIVEIRA; SOUZA. Terapia com Base em Integração Sensorial em um caso de Transtorno do Espectro Autista com Seletividade Alimentar. Caderno Brasileiro de Terapia Ocupacional, v.20, 2022.

PEREIRA et al. Autismo: Lidando com as Dificuldades e Perspectivas do Cuidado. Caderno de Graduação – Ciências Biológicas e da Saúde – UNIT – Sergipe, v.6, n.3, p.33, 2021.

PIO; LINHARES. A Relevância da Assistência de Enfermagem ao Paciente com Transtorno Espectro Autista. Revista Saúde Multidisciplinar, v. 11, n. 1, 2022.

POSAR; VISCONTI. Alterações Sensoriais em Crianças com Transtorno do Espectro do Autismo. Artigo de Revisão J. Pediatria, Rio de Janeiro, v. 94, n. 4, 2018.

RIBEIRO; MURAD. Revisão de Literatura sobre Instrumentos de avaliação para Rastreamento de Sinais Precoces de Autismo: tipos e resultados alcançados. Revista Iniciação e Formação Docente, v. 7, n. 3, 2020.

SANTOS et al. Assistência de Enfermagem ao Paciente Autista: Um enfoque na humanização. Revista de Saúde Dom Alberto, v. 4, n. 1, 2019.

SANTOS. Narrativas sobre os Desafios de Mães com Filhos Autistas. Revista Velho Chico, v. 1, n.2, 2021.

SANTOS; MACEDO; MAFRA. Autismo na Escola: da construção social estigmatizante ao reconhecimento como condição humana. *Revista Brasileira Estudos Pedagógicos*, v. 103, n. 264, 2022.

SANTOS; VIEIRA. Transtorno do Espectro do Autismo: do reconhecimento à inclusão no âmbito educacional. *Revista Includere, Rio Grande do Norte*, v. 3, n. 1, pag. 219-232, 2017.

SILVA. Diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista. Definição de Critérios e Considerações sobre a Prática. *Revista Online IPOG, Goiânia*, v. 1, n. 5, pag. 1-15, 2018.

SILVA. A Inclusão de Autista nas Salas de Aula Normais: desafios e possíveis maneiras de vencê-los. *Revista Caparáó*, v. 1, n.1, pag. 6, 2019.

SILVA; ÁRTICO; CICOLELLA. Assistência de Enfermagem ao Indivíduo com Autismo. *Anais da XV Mostra de Iniciação Científica do CESUCA*, v. 15, 2021.

SILVA; LIMA; MONTE. Análise da Construção de Conhecimento sobre Autismo pela Perspectiva da Enfermagem: uma revisão escopo. *Revista de Casos e Consultoria*, v. 12, n. 1, 2021.

SOUZA; ANACHE. A Educação das Pessoas com o Transtorno do Espectro Autista: avanços e desafios. *Revista Online de Política e Gestão Educacional*, v. 24, n. 2, pag. 1035-1053, 2020.

SOUZA et al. Assistência de Enfermagem ao Portador de Autismo Infantil: uma revisão integrativa. *Brazilian Journals*, v. 3, n. 2, 2020.

SOUZA; SOUZA. Os Desafios Vivenciados por Famílias de Criança Diagnosticadas com Transtorno de Espectro Autista. *Revista Perspectivas em Dialogo*, v. 8, n. 16, 2021.